

A encruzilhada do saber artístico-musical enquanto potência pedagógica crítica a partir da escrevivência do sujeito negro periférico

Comunicação

Stefani Silva Souza
Universidade de São Paulo/USP
Stefanis.souza@usp.br

Resumo: Este trabalho, como fruto, mas também enquanto continuidade dos ensinamentos dos ancestrais, que em morte ou ainda em vida, nos puderam repassar seus modos de pensar e repensar métodos de ensino e aprendizagem, a partir do campo artístico pelas encruzilhadas como lugar de resguardo de nossa memória ancestral, a partir dos processos de teias da comunicação na contemporaneidade. Logo, as linhas que aqui se tecem, são uma proposta de reflexão a partir de leituras e discussões debatidas no Grupo de Estudos em Escrevivência, coordenado por Conceição Evaristo, titular da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. E enquanto resultado dos movimentos da autora de repensar e tecer críticas ao seu curso de graduação em Licenciatura em Música, ainda em andamento, pela Escola de Comunicações e Artes, ECA-USP. A autora, através de estudos independentes, mas também a partir das discussões do grupo de Estudos em Escrevivência, reconhece a necessidade do debate e valorização das influências da cultura afro-brasileira em nossa musicalidade como ferramenta metodológica para uma educação musical antirracista.

Palavras-chave: Música-escrevivência; Educação musical antirracista; Música e encruzilhada

1. Introdução

Enquanto proposta de resgate de valorização da intelectualidade de pessoas negras, este trabalho assume um lugar de continuidade ao que já fora produzido pelos ancestrais mortos, ou ainda vivos. Nas linhas que aqui se tecem como gestos de nossas memórias e inscrições no mundo, buscou-se romper com ideias tradicionais e hegemônicas de música a partir de uma perspectiva

afrorreferenciada. Ou seja, da evocação de referências, em sua maioria, de autoras e autores negros, que buscam a partir de um aprofundado estudo das questões étnico-raciais, trazer a questão da raça como elemento fundante da compreensão e leitura de si.

Hoje, no lugar de contradiscurso, os argumentos aqui expostos são uma tentativa de promover e reconhecer os saberes, frutos da diáspora e permanente resistência negra no Brasil, enquanto episteme. No entanto, importa dizer que este trabalho é resultado de uma pesquisa ainda em andamento, na qual as ideias e noções de um fazer artístico afrorreferenciado seja evocado, com o objetivo de propor reflexões acerca do pensar musical a partir de processos de ensino e aprendizagem. Elaborando desta forma, críticas, sugestões e análises do que até então tem sido reconhecido como legítimo no universo musical. Para que assim possamos abrir caminhos para que outras narrativas possam ser acolhidas, contempladas e reconhecidas pela sensibilidade do encontro e do acontecer enquanto mecanismos de afetos a partir e pelo processo. “A educação depende da convivência social. Do encontro. Da colaboração, do tecer e acontecer”. (DA ROSA, 2020, p. 136)

Reconhecemos também que o corpo, enquanto grafia e escrita de si no mundo, que a partir da pele negra e dos movimentos enquanto performance do cotidiano, manifestam uma corporeidade carregada de memória. Essas memórias, por sua vez, aglutinam um complexo saber repleto de variedades, uma vez que, seu acontecimento e celebração não se dá de maneira estática e cristalizante, mas sim a partir e pelo movimento na dinâmica do comportamento. “Nesse sentido, a tradição, para os africanos, não é estática. Ela é vista como o ato de transmitir algo para que o receptor tenha condições de colocar mais um elo em uma corrente que é dinâmica e mutável”. (LOPES; SIMAS, 2020, p. 46)

Relacionando os conceitos expostos acima ao fazer artístico-musical enquanto prática docente, em especial, as relações étnico-raciais como elementos fundantes para a promoção de uma educação musical antirracista, que vise a autonomia e emancipação do sujeito, precisamos nos colocar dispostos ao combate à violência racial em nosso país. Para tanto, faz-se necessário a aplicação da Lei 10.639/03 que obriga o ensino da História da África e Cultura Afro-Brasileira, como

mecanismos de impulsionamento às desigualdades produzidas pelo racismo estrutural. Posto isto, entendemos que, o debate racial ao que contempla o universo musical, precisa ser incluído nos espaços institucionais de ensino. Ou seja, as discussões raciais precisam estar presentes na elaboração, construção e execução de uma prática pedagógica musical.

A epistemologia do processo de Educação Musical, nas escolas de Educação Básica, por exemplo, obedece ainda ao cânone eurocêntrico, impossibilitando, invisibilizando e subalternizando o conhecimento que advém da negritude. Quando esse conhecimento chega ao espaço escolar chega de forma deturpada e folclorizada, o que impede a reconfiguração de um currículo que abarque a produção de conhecimento enquanto processo de construção de saber. (BATISTA, 2018, p. 63)

E para que os processos de ensino e aprendizagem das culturas africanas e afro-brasileiras possam ser valorizadas e acolhidas nos currículos, planos de aula, projetos políticos pedagógicos (PPP), política organizacional escolar e outros; os saberes, crenças, filosofias e vivências do sujeito negro, e no caso específico deste trabalho, do sujeito negro periférico, precisam ser validadas enquanto episteme.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 2021, p. 58-59)

O movimento de valorização das intelectualidades negras enquanto episteme a partir das vivências do sujeito negro periférico, ou seja, de suas escrevivências (EVARISTO, 1996) e afrografias (MARTINS, 2021a), é o que conduzirá este trabalho a uma análise crítica a respeito das pedagogias musicais e antirracistas em nosso país.

Isto posto, a escrita ritual que aqui se tece, tem seus desdobramentos apoiados em: a) compreender como o conceito de encruzilhada, a partir de uma perspectiva pedagógico-musical, pode atuar enquanto elemento potencializador de uma práxis educacional a partir da escrevivência; b) discutir, com base em estudos

interseccionais, como as subjetividades do corpo negro podem estar vinculadas a um processo de experimentalismo-investigativo-sonoro-artístico-atemporal, pelas grafias e afrografias enquanto escrita de si no mundo; c) propor caminhos para se pensar em ações que estejam alinhadas com uma proposta de educação musical antirracista. Ou seja, uma educação musical comprometida com a luta e emancipação da população negra enquanto combate ao racismo estrutural.

Para tanto, desde já, é oportuno dizer que, este trabalho não tem por intenção, propor caminhos únicos ao combate à violência racial que estrutura nosso país, mas sim de apresentar outras narrativas e maneiras de se pensar, refletir e questionar os modelos convencionais de educação musical vigentes ainda nos dias atuais.

2. A encruzilhada e a escrevivência em processos de ensino e aprendizagem

Todo o processo de construção e formação do sujeito implica diretamente nas formas de sociabilidade ao qual este se encontra inserido. Essas implicações, por sua vez, podem ser compreendidas enquanto ações externas que são capazes de influenciar, de forma direta, na construção da identidade do sujeito, a partir de suas memórias e culturas. Enquanto performance do cotidiano, essas movimentações se dão sob uma perspectiva de tempo não ocidental, onde os saberes e conhecimentos acontecem de maneira curvilínea, e as performances atuam como ritos da incorporação de uma estética negra.

Todas as manifestações culturais e artísticas exprimem, de algum modo, a visão de mundo que matiza as sociedades e, nestas, os sujeitos que ali se constituem. Nos conhecimentos culturais incorporados, saberes de várias ordens se manifestam, sejam eles de natureza filosófica, estética, técnica, entre outros; quer nos mais notáveis eventos socioculturais, quer nas mínimas e invisíveis ações do cotidiano. Em tudo que fazemos, expressamos o que somos, o que nos pulsiona, o que nos forma, o que nos torna agregados a um grupo, conjunto, comunidade, cultura e sociedade. (MARTINS, 2021b, p. 21)

As subjetividades, intelectualidades e produções de saberes negros enquanto episteme é o que podemos chamar, neste trabalho, de escrita de si no

mundo. Ou seja, são formas de registros no qual pessoas negras encontraram para manifestar sua arte, cultura, musicalidade, pensamento e filosofia. E mesmo que outras formas de escrita e grafia de si aconteçam na celebração do movimento pela oralitura, a palavra grafada e reconhecida enquanto legítima pelo ocidente, ainda hoje, é um meio de articulação para que negras e negros possam reivindicar, através de suas produções, o seu direito a interpretações outras de si e do mundo.

Interessante seria ainda pensar como essas manifestações, ao que tange o registro da palavra, são capazes de compor elementos por meio da expressividade gestual, na qual atuam como uma espécie de teia discursiva da palavra enquanto sabedoria ancestral. E é através da pluralidade de experiências, que a memória individual e coletiva ganha espaço e potencialidade ao evocar uma ancestralidade negra enquanto fenômeno diaspórico.

Por outro prisma, ainda é possível pensar na relação dessas ações/movimentos com processos de continuidade na contemporaneidade de uma prática quilombola. Resgatando com isso, as potencialidades da expressividade gestual-corpórea e musical na qual eram estabelecidos os processos de se pensar e construir estratégias e organizações da comunidade negra enquanto mecanismos de luta e resistência.

Há uma mística quilombola latente ou patente, como forma defensiva e afirmativa do negro, na sociedade brasileira. A retomada do nome Quilombo e/ou Palmares em várias organizações do passado, e ainda no presente, aponta para o significado da ação quilombola como um paradigma de organização social entre os negros brasileiros. (EVARISTO, 2010, p. 7)

Levantado esses aspectos, torna-se ainda necessário compreender como o conceito de escrevivência e os elementos da encruzilhada, como impulsionadores de um saber musical afrorreferenciado, podem ser acolhidos enquanto metodologia de pesquisa, ensino e aprendizagem. No entanto, faz-se necessário entendermos como o termo escrevivência aparece em nossas escritas, e como se dá seu reconhecimento, ao passo que podemos considerá-lo como metodologia de pesquisa. Mas também sua relação com o campo das artes, e ao que interessa a este trabalho, ao meio musical. Para tanto, nos importa dizer e reforçar que o termo escrevivência surgiu de uma escritora e intelectual negra chamada

Conceição Evaristo, e que em sua essência traz a vivência, experiência e celebração de pessoas negras a partir, e pela evocação de sua ancestralidade.

Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos no qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica. A imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande. (EVARISTO, 2020, p. 29-30)

Numa perspectiva musical, podemos entender a escrevivência como parte de um processo de transformação e vivência do sujeito negro periférico, que através da música manifesta toda a sua corporeidade e musicalidade. Seja através dos ritmos da percussão e dos tambores, das músicas de terreiro, das escolas de samba, do Rap e do movimento Hip Hop, do samba, pagode e dentre outras formas plurais de se inscrever a partir da experiência do que é ser negro no Brasil.

Já a encruzilhada, como esse lugar de promoção de uma pluralidade através de processos transculturais, torna-se um espaço no qual a evocação da ancestralidade seja incorporada com credibilidade sem desvios. Trazendo, desta forma, maneiras de expressão outra da linguagem, mas também das singularidades que atravessam as identidades negras.

E é pela via dessas encruzilhadas que também se tece a identidade afro-brasileira, num processo vital móvel, identidade que pode ser pensada como tecido e uma textura, em que as falas e gestos mnemônicos dos arquivos orais africanos, no processo dinâmico de interação com o outro, transformaram-se, e reatualizam-se continuamente, em novos e diferenciados rituais de linguagem e de expressão, coreografando as singularidades e alteridades negras. (MARTINS, 2021a, p. 32)

Enquanto proposta pedagógico-musical, que parte de uma perspectiva afrodiaspórica de conhecimento, ou seja, não hegemônica, podemos compreender as práticas e fazeres artístico-musicais como rituais de celebração da ancestralidade negra como interpretação do mundo a partir de suas escrevivências enquanto encruzilhadas.

Como estilo cultural, as performances incorporam e ilustram valores, e são um modo de apreensão e interpretação do mundo e, ainda, um meio de permanência e de pertencimento dos indivíduos por elas circunscritos. Nas performances rituais também podemos



fruir a elaboração de suas poéticas, configuradas pelos solfejos da voz, pelas balizas do corpo em movimento e pela poética dos seus gestos. Aqui a ancestralidade vibra e restitui, performando os repertórios de nossas africanias, tanto das mais longevas quanto das mais recentes que com elas improvisam e nelas se fermentam. (MARTINS, 2021b, p. 67-68)

E é assumindo nossas africanidades e celebrando nossa ancestralidade, que elaboramos como potência uma educação crítica, engajada e, principalmente, antirracista. Quando na encruzilhada dos conhecimentos nos reconhecemos e nos sentimos representados em nossa essência, história, vivência, memória e escrevivência, possibilitamos que novos caminhos de ensino e aprendizagem de música possam ser igualmente legitimados.

3. Por um ensino de música antirracista

Tendo discutido, analisado e compreendido a importância e influência da cultura africana em nosso país, podemos avançar no debate a respeito das formas tradicionais de ensino de música nas escolas e conservatórios. E com isso, evidenciar como as práticas adotadas de ensino de música, tradicionalmente hegemônicas, atuam enquanto recurso na manutenção da opressão de outras narrativas, que não a branca europeia.

Com frequência, os poderes mistificadores do racismo emanam de sua lógica irracional e confusa. De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco da humanidade. Mas, se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento. Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere à aquisição de educação. (DAVIS, 2016, p. 109)

Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (2021), vai nos dizer que o educador comprometido com uma educação crítica e engajada, conhece e reconhece os saberes trazidos pelo educando. Mas para além disso, Freire também nos alerta que o educador que não respeita os saberes, as manifestações legítimas e culturais de seus educandos é um educador que fracassa no exercício de sua

profissão. Portanto, ao racializarmos o debate constatamos que, mais da metade da população brasileira se autodeclara negra, logo se torna irracional e confuso não inserirmos conteúdos da cultura africana e afro-brasileira em nossos currículos. Ainda mais quando há a existência de políticas de ações afirmativas, e a obrigatoriedade da aplicação da Lei 10.639/03, como resultado da conquista, advinda da luta e resistência do Movimento Negro.

O Movimento Negro ressignifica e politiza a raça. compreendendo-a como construção social. Ele reeduca e emancipa a sociedade, a si próprio e ao Estado, produzindo novos conhecimentos e entendimentos sobre as relações étnico-raciais e o racismo no Brasil, em conexão com a diáspora africana. (GOMES, 2019, p. 38)

Sob uma perspectiva musical afrorreferenciada, podemos entender os ritmos como construção de territórios. “O ritmo, que também é alicerce soberano na expressão musical de matriz africana, é a forma até do que não tem consistência orgânica, é o elo entre o estático e o dinâmico. Confere vínculo aos movimentos, guarda e expande o fluxo de eventos”. (DA ROSA, 2020, p. 50)

Em relação às contribuições do sujeito negro periférico, enquanto educando e sujeito ativo do seu processo de ensino e aprendizagem, podemos receber suas manifestações como fontes potencializadoras que emerge de suas escrevivências e afrografias na dimensão do espaço-tempo não linear. Com isso, sua atuação, manifestação e existência enquanto elementos de uma corporeidade negra, nasce do seu direito à reivindicação dos saberes ancestrais na incorporação dos processos metodológicos do ensino de música.

A estética negra, por mais que se revele na individualidade de cada sujeito, faz parte de um processo que se dá e acontece na celebração da coletividade. Expressar nossa negritude, seja através de nossa musicalidade, cultura, história e coreografias do cotidiano, enquanto performance, é uma forma positiva de afirmar nossa identidade.

Aos poucos, no Brasil, ter um corpo negro, expressar a negritude começa a ser percebido socialmente como uma forma positiva de expressão da cultura e da afirmação da identidade. Essa percepção passa de um movimento interno construído no seio da comunidade negra- não sem conflitos e contradições- para um movimento externo de valorização da estética e da corporeidade negra no

plano social e cultural- também não sem conflitos. (GOMES, 2019, p. 94-95)

E refletindo sobre questões pedagógico-musicais, podemos assumir tais saberes como ferramentas de transgressão do ensino e aprendizagem convencional a qual histórica e sistematicamente vem sendo aplicados os estudos musicais em espaços institucionalizados de conhecimento. Por sua vez, este ato nos conduz a reflexão por uma educação crítica e engajada, mas principalmente, antirracista, trazendo elementos para se pensar em uma educação não fixa, mas sim em uma educação que acontece no espaço-tempo inquieto.

A educação não é um campo fixo e nem somente conservadora. Ao longo dos tempos é possível observar como o campo educacional se configura como um espaço-tempo inquieto, que é ao mesmo tempo indagador e indagado pelos coletivos sociais diversos. (GOMES, 2019, p. 25)

Reconhecer os saberes do educando enquanto potências transformadoras de ensino e aprendizagem de música, é possibilitar que este sujeito seja protagonista de seu próprio processo de compreensão e interpretação do mundo através da música. E quando este reconhecimento é legitimado e preservado pela herança e memória do povo negro, enquanto arquivo de suas histórias através de sua pele e corpo, estamos reivindicando por uma educação musical antirracista. Mas mais do que isso, estamos rompendo com o silenciamento e genocídio histórico que atravessa a população negra.

E é neste contexto de reivindicações e lutas que o sujeito negro periférico, por meio e, através de suas escrituras, consiga ter o direito a educação de qualidade. Destacando, uma vez mais, que o racismo não é um problema de negros, ele é real, porém é um problema estrutural de nossa sociedade. Por isso a luta ao combate ao racismo não pode acontecer de maneira isolada. “Nesse sentido, não se trata de uma luta isolada, apesar de sua especificidade”. (GOMES, 2019, p. 95)

Ao refletirmos sobre tais aspectos, consequentemente estamos considerando a educação como um ato político e emancipatório, no qual haja a transformação não só do professor, mas também do aluno. E encará-la sob tais aspectos é assumir riscos e enfrentar temores da prática docente. “O processo

libertador não é só um crescimento profissional. É uma transformação ao mesmo tempo social e de si mesmo, um momento no qual aprender e mudar a sociedade caminham juntos.” (FREIRE, 2014, p.90)

4. Considerações finais

O exercício de repensar o ensino de música tradicional a qual este trabalho se comprometeu ao longo destas linhas, a partir de uma perspectiva afrorreferenciada de construção do pensamento e, conseqüentemente, de práticas antirracistas no ensino musical, caminha lado a lado com a luta e o combate ao racismo nas instituições de ensino. Ou seja, este trabalho, como dito anteriormente, é uma continuidade de outras produções intelectuais de negras e negros, dialogando desta forma, com os conhecimentos produzidos em torno das temáticas que envolvem e desenvolvem a construção de um entendimento a respeito da diáspora negra, do contracolonialismo, anticolonialismo, decolonialidade e outros.

Além da fomentação de um exercício que parta de filosofias e conceitos não ocidentais, este trabalho também é um convite ao leitor a possíveis aproximações acerca de ideias, reflexões, filosofias e conceitos que emergem a partir e, pela tomada de consciência racial, advinda de seu letramento. Posto isto, as linhas que aqui se teceram, ainda hoje no lugar de contradiscurso, buscam romper com o apagamento simbólico no qual as identidades negras histórica e sistematicamente enfrentam em nosso país.

A educação musical antirracista que acontece a partir dos elementos da encruzilhada, enquanto processo de fuga das convenções sociais pré-estabelecidas pelo ocidente, precisam estar pautadas na celebração dos movimentos que trançam e lançam a luz a respeito da pluridiversidade e cosmopercepção de um pensamento musical afrorreferenciado. Permitindo desta forma, que tais elementos possam ser incorporados e assumidos enquanto estética, mas também como processos criativos que constituem uma lente metodológica/chave de leitura. Acerca destas convicções, a escrevivência e a afrografia que emerge da pele negra, pode ser entendida enquanto evocação de uma memória/símbolo da

corporeidade ancestral como arquivo de uma tradição não fixa e cristalizante do sujeito negro periférico.

Portanto, as palavras-rituais que aqui se teceram não tiveram como objetivo propor caminhos únicos para o combate ao racismo dentro das instituições de ensino. Mas sim apontar possíveis caminhos, através da encruzilhada enquanto elemento fundante da música-escrevivência. Desta forma, as reflexões aqui expostas são parte e continuidade das coreografias da luta e resistência do Movimento Negro na emancipação de crianças, jovens e adultos em relação à questão racial, tão latente, ainda nos dias atuais.

Referências

BATISTA, Leonardo Moraes. Educação Antirracista e Educação Musical: interações e perspectivas para a Educação Básica. *Interlúdio*, ano, v. 6, p. 54-74, 2018.

DA ROSA, Allan. **Pedagogia, autonomia e mocambagem**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, v. 1, p. 26-46, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, 1996.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, p. 132-142, 2010.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e terra, 2021.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Editora Vozes Limitada, 2019.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Filosofias africanas: uma introdução**. Editora José Olympio, 2020.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá.**
Editora Perspectiva S/A, 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela.**
Editora Cobogó, 2021.